

EDITORIAL

A edição *Tecnociência da Cadernos PET-Filosofia*, “*Entre Organismos e Máquinas: convergências e hibridizações*”. Propõe uma reflexão situada sobre a neutralidade das técnicas, tendo em vista a diferença entre os programas de convergência NBIC e CTEKS ((cf. BENSAUDE-VINCENT, 2009), que tornam indistinguíveis as fronteiras entre natural e artificial.

A inspiração para esta edição surgiu da reflexão proposta por Georges Canguilhem (1904-1995) em seu texto *Máquina e Organismo* (*La Connaissance de la Vie*, 1952), obra na qual Canguilhem defende a autonomia da biologia enquanto disciplina acadêmico-científica, uma vez que a compreensão do vivente seria irreduzível às suas funções físico-químicas, defendendo a sua especificidade.

Assim, propomos repensar a relação entre Corpo-Máquina posta por René Descartes (1596-1650) como um dualismo metafísico no século XVII e considerando que, no século XXI, outras figuras híbridas e enigmáticas (re)surgem e se comportam de modo desafiador: o *ciborgue*, híbrido de organismo e máquina e o *zumbi*, resultante de uma resposta social à imposição de estruturas epistêmicas estranhas aos contextos sujeitos à colonização. Fazendo convergir filosofias de distintas matrizes, que vão da noção de biopoder em Michel Foucault (1926-1984) e Gilbert Simondon (1924-1989), transitando pelo pensamento decolonial de Achille Mbembe, dada a percepção da mudança da (bio)política para a *necropolítica*, bem como as apresentam-se posicionamentos críticos dos feminismos, em seus aspectos científicos e epistemológicos representados neste número de tecnociência pelo pensamento de Donna Haraway, que se modifica organicamente entre os anos de 1980 e esta publicação em 2023, com *O manifesto das espécies companheiras* [*The Companion Manifesto: dogs, people, and significant otherness*, (2003)].

Além de abordagens ocupadas especialmente com o lugar social das ciências, das técnicas e da natureza, como no caso da ética ambiental em busca da manutenção

de condições materiais de existência para as gerações futuras de Hans Jonas (1903-1993), a bioética proposta por Gilbert Hottois (1946-2019), perpassando as críticas de Bruno Latour (1947-2022) à modernidade, que pode ou não ter acontecido, e de Byung Chul-Han, que diante das sociedades contemporâneas, questiona nossa submissão passiva aos modelos de produtividade que exploram não apenas os corpos mais a mentes, produzindo cansaço.

Nesta edição é notável a presença de temas que abordam a questão da vida e do vivente, que mantêm relações de interação recíproca com outros viventes e com o meio. Relacionado a vida e os seres vivos à emergência da Tecnociência, desbordando em Transhumanismo(s), com total ou parcial superação do organismo por intermédio da fusão com a máquina. Nesta direção, se tem o artigo “*Vida, Tecnociência e Transhumanismo*” de Leonardo Moreira Gomes. Texto em que o autor apresenta e relaciona o conceito de vida em Canguilhem em um paralelo com a emergência da tecnociência e do transhumanismo. E o artigo “*Objetos Científicos Vivos*”, de Luccas Vaz Dantas dos Santos, que trata do modo como os objetos vivos impõem uma mudança radical à investigação científica. As ciências que se utilizam não podendo mais compartilhar os pressupostos do experimentalismo.

Neste sentido, as contribuições vão desde pensar questões que envolvem os seres vivos nas ciências e no experimento, como extrapolação da proposta de Francis Bacon (1561-1626) e, dentre a temática Transhumanista, com promessas de longevidade e imortalidade. Nesta temática, para além de Canguilhem, refletem conosco autores como João de Fernandes Teixeira – com uma tradução do seu trabalho *Transhumanismo: imortalidade e a questão da longevidade* [tradução por: Leonardo Moreira Gomes], compondo esta edição - e Nick Bostrom, com o artigo “*A Carta Utópica: uma análise Bioconservadora a partir do pensamento de Norberto Keppe*”, de Leandro Alves da Silva, que propõe uma análise de “*Carta de Útopia (2008)*”, de Nick Bostrom, tendo como fundamento teórico o pensamento de Norberto Keppe.

Estão presentes reflexões sobre o Pós-Humanismos, do qual o transhumanismo é uma derivação a partir das biotecnologias, sendo a sua crítica

fomentada pelo *Manifesto Ciborgue*, de Donna Haraway, com outros possíveis modelos do Pós-Humanismo como no caso das propostas de Sarah Juliet & Karen Embry em *A Zombie Manifesto*. É isso que faz Stefany Sohn Stettler em seu artigo “*Entre o Ciborgue e o Zumbi: dois Modelos do Pós-Humanismo*”. Além disso, a resenha sobre da obra de Thierry Hoquet, “*Filosofia Ciborgue: pensar contra dualismos*”. De Déborá de Sá Ribeiro Aymoré, com o título “*Lições de Anatomia Ciborgue: coexistência entre Máquinas e Organismos?* ”. Ainda nos trabalhos que pensam as relações entre organismos e máquinas, nos artigos serão abordadas outras formas maquínicas, como a figura do robô, importante para Simondon e a noção de monstro em Canguilhem. Nesta direção, encontra-se o artigo de Pedro Mateo Bàez Kritski, chamado “*O Monstro e o Robô: Organismo e Máquina em Canguilhem e Simondon*”. Neste artigo, o autor se propõe a responder as questões: o que é ser vivo? O que é uma máquina?, e, Qual é a relação entre Organismos e Máquinas.

Outro grupo de artigos, refletem a partir de Simondon, Byung Chul-Han e Hannah Arendt, sendo as relações das técnicas com a sociedade e a cultura colocadas em relevo, pensando nas questões do trabalho e do proletário na perspectiva do trabalho digital. Nas relações entre técnica e política, vislumbra-se, ainda, a sua potencialidade criativa. Neste grupo de artigos que partem em grande medida de Simondon, o diálogo com Marx torna-se visível e indispensável. Sobre a perspectiva que pensa o trabalho e a transformação da economia a partir da prevalência de novas tecnologias, se tem o artigo de Leonardo Silveira Maika “*Sociedade do Cansaço e a Invisibilidade do infoproletariado: as fronteiras éticas que as novas tecnologias impõem a classe trabalhadora*”. Sobre as relações entre natureza e cultura Diego Paim de Souza é o autor de “*Hannah Arendt e Gilbert Simondon entre a Natureza e a Cultura*”. Onde ele coloca em diálogo Arendt e Simondon. Pensando as relações entre a sociedade e a cultura, Guilherme Rodrigues Tozo no artigo “*Nos Tornamos Obsoletos? Por uma Política dos Artefatos?* ”. Procura, a partir das considerações sobre a essência da técnica e do artefato, pensar seu valor político.

Ainda na temática simondonia, outra parcela de trabalhos dirige-se diretamente a obra do filósofo. Uma das contribuições “*Do modo de Existencia do Comum: o Transindividual como colisão das teses de Simondon*”, de Matheus Scartezini Pedrini, propõe uma leitura unitária da obra a partir da noção de transindividual presente nas duas teses de doutorado do autor. Nesse grupo de trabalhos, encontrar-se-á uma tradução do trabalho de Jean-Hugues Barthélémy, com o título, *Glossário Simondon* [tradução por: Gabriel Pereira Gioppo, Matheus Pedrini & Cezar Helehna Prado], que visa tornar mais acessível ao público a obra de Simondon que vem ganhando relevância nas últimas décadas.

A resenha sobre a obra do filósofo chinês Yuk Hui redigida por Fernanda Ribeiro de Almeida, chamada “*O papel da Arte na ruptura com o determinismo: resenha da obra “Art and Cosmotronics”, de Yuk Hui*”. Além de temas que pensam o ciberespaço e o mundo virtual conjuntamente com autores mais tradicionais da história da filosofia, como o caso de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Platão, no artigo de Adriano Martins Costa, chamado “*Do Crepúsculo dos Ídolos à adoração do cotidiano: ciberespaço e idealização do mundo virtual*”. Finalmente, mas não menos importante, o século XVIII se faz presente a partir da obra de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), propondo uma reflexão sobre os progressos da técnica e da ciência. No artigo “*Progresso Material e Moral em Rousseau*”, de Douglas Henrique de Quadros.

Essa nova edição *Tecnociência*, desenvolvida conjuntamente entre a revista *Cadernos PET-Filosofia* da Universidade Federal do Paraná e do NECTEC – Núcleo de Estudos da Cultura Técnica e Científica, sediado na mesma instituição. Trata-se de uma continua parceira, intensificada no ano de 2020, que resultou na primeira edição dedicada às *Tecnociências*: “*A Tecnociência e o Diálogo entre a Natureza, a Técnica e a Sociedade*”(2022). Registra-se que, dada a qualidade dos textos e das pesquisas desenvolvidas, permanece o desejo intenso de que esta parceria continue produzindo resultados igualmente exitosos.

Curitiba, Paraná, 10 de novembro de 2023.

Elan Sikora,

Bolsista do PET de Filosofia UFPR